

ADÉLIA PRADO
Poemas

Com licença poética

*Quando nasci um anjo esbelto,
desses que tocam trombeta, anunciou:
vai carregar bandeira.*

*Cargo muito pesado pra mulher,
esta espécie ainda envergonhada.
Aceito os subterfúgios que me cabem,
sem precisar mentir.*

*Não sou tão feia que não possa casar,
acho o Rio de Janeiro uma beleza e
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.
Inauguro linhagens, fundo reinos
— dor não é amargura.*

*Minha tristeza não tem pedigree,
já a minha vontade de alegria,
sua raiz vai ao meu mil avô.
Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.
Mulher é desdobrável. Eu sou.*

du recueil *Bagagem*, 1976

ADÉLIA PRADO
Poèmes
traduits par Michel Riaudel
et Rita Olivieri-Godet

Licence poétique

À ma naissance un ange svelte,
de ces joueurs de trompette, annonça :
porte-drapeau tu seras.
Tâche fort lourde pour une femme,
espèce honteuse encore.
J'accepte mon lot de subterfuges,
sans nécessité de mentir.
Je ne suis pas si laide que je ne puisse me marier,
je trouve joli Rio et il y a des fois où
je crois à l'accouchement sans douleur.
Mais ce que je sens je l'écris. J'obéis à mon destin.
J'inaugure des lignages, je fonde des royaumes
— douleur n'est pas amertume.
Ma tristesse n'a pas de sang bleu
mais mon désir de joie, lui,
sa racine remonte à mon mille et un grand-père.
Tu boiteras dans la vie, c'est malédiction d'homme.
La femme, elle, se dédouble. Comme moi.¹

1. Ce texte fait écho à un célèbre poème de Carlos Drummond de Andrade, «Poema de sete faces» (*Alguma Poesia*, 1925-1930) qui commence ainsi: «Quando nasci, um anjo torto/ desses que vivem na sombra/ disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.» («À ma naissance, un ange tords/ de ceux qui vivent dans l'ombre/ dit: Tu vas, Carlos, être *gauche* dans la vie!», traduction Jean-Michel Massa, in *Réunion*, Paris, Aubier-Montaigne, 1973).

Sedução

*A poesia me pega com sua roda dentada,
me força a escutar imóvel
o seu discurso esdrúxulo.*

*Me abraça detrás do muro, levanta
a saia pra eu ver, amorosa e doida.*

*Acontece a má coisa, eu lhe digo,
também sou filho de Deus,
me deixa desesperar.*

*Ela responde passando
língua quente em meu pescoço,
fala pau pra me acalmar,
fala pedra, geometria,
se descuida e fica meiga,
aproveito pra me safar.*

*Eu corro ela corre mais,
eu grito ela grita mais,
sete demônios mais forte.*

*Me pega a ponta do pé
e vem até na cabeça,
fazendo sulcos profundos.
É de ferro a roda dentada dela.*

du recueil *Bagagem*, 1976

Séduction

La poésie me prend de sa roue dentée,
me force à écouter sans bouger
son discours bizarre.
Elle m'enlace derrière le mur, retrousse
sa jupe, que je la voie, amoureuse et folle.
Et la méchante affaire s'ensuit, je lui dis,
moi aussi je suis fils de Dieu,
laisse-moi désespérer.
Elle répond en passant
sa langue chaude dans mon cou,
elle dit verges pour m'apaiser,
elle dit pierre, géométrie,
elle s'oublie et se fait gentille,
j'en profite pour me sauver.
Je cours elle court plus vite,
je crie elle crie plus fort,
sept démons plus puissante.
Elle me prend la pointe du pied
et remonte jusqu'à la tête
en creusant des sillons profonds.
Elle, sa roue dentée est de fer.

Antes do nome

*Não me importa a palavra, esta corriqueira.
Quero é o esplêndido caos de onde emerge a sintaxe,
os sítios escuros onde nasce o 'de', o 'aliás',
o 'o', o 'porém' e o 'que', esta incompreensível
muleta que me apóia.
Quem entender a linguagem entende Deus
cujo Filho é Verbo. Morre quem entender.
A palavra é disfarce de uma coisa mais grave, surda-muda,
foi inventada para ser calada.
Em momentos de graça, infreqüentíssimos,
se poderá apanhá-la: um peixe vivo com a mão.
Puro susto e terror.*

du recueil *Bagagem*, 1976

Avant le nom

Peu m'importe le mot, ce familier.
Je veux le splendide chaos d'où la syntaxe émerge,
les sites obscurs où naissent le *de*, le *d'ailleurs*,
le *le*, le *mais*, le *que*, cette incompréhensible
béquille qui me soutient.
Celui qui comprend le langage comprend Dieu
dont le Fils est Verbe. Meurt celui qui comprend.
Le mot est fard d'une chose plus grave, sourde et muette,
on l'inventa pour être tu.
Dans des moments de grâce, si absolument rares,
on pourra le saisir, poisson vif à main nue.
Pure surprise et terreur.

Para comer depois

*Na minha cidade, nos domingos de tarde,
as pessoas se põem na sombra com faca e laranjas.
Tomam a fresca e riem do rapaz de bicicleta,
a campainha desatada, o aro enfeitado de laranjas:
'Eh bobagem!'*

*Daqui a muito progresso tecno-ilógico,
quando for impossível detectar o domingo
pelo sumo das laranjas no ar e bicicletas,
em meu país de memória e sentimento,
basta fechar os olhos:
é domingo, é domingo, é domingo.*

du recueil *Bagagem*, 1976

À manger plus tard

Dans ma ville, les dimanches après-midi,
les gens s'installent à l'ombre avec un couteau et des oranges.
Ils prennent le frais et rient du garçon à bicyclette,
la sonnette débridée, les rayons garnis d'oranges:
'Eh, on s'amuse!'

En attendant un grand progrès techno-illogique,
lorsqu'on ne pourra plus détecter le dimanche
au jus des oranges dans l'air et aux bicyclettes,
dans mon pays de mémoire et de sentiment,
il suffit de fermer les yeux:
c'est dimanche, c'est dimanche, c'est dimanche.

Regional

*O sino da minha terra
ainda bate às primeiras sextas-feiras,
por devoção ao coração de Jesus.
Em que outro lugar do mundo isto acontece?
Em que outro Brasil se escrevem cartas assim:
o santo padre Pio XII deixou pra morrer logo hoje,
último dia das apurações.
Guardamos os foguetes.
Em respeito de sua santidade não soltamos.
Nós vamos indo do mesmo jeito,
não remamos, nem descemos da canoa.
Esta semana foi a festa de São Francisco,
fiz este canto imitado:
louvado seja, meu Senhor,
pela flor da maria-preta,
por cujo odor e doçura
as formigas e abelhas endoidecem,
cuja forma humilíssima me atrai,
me instiga o pensamento
de que não preciso ser jovem nem bonita
para atrair os homens e o que neles
ferroa como nos zangões.
Meu estômago enjoa.
Há circunvoluções intestinais no país.
Queria que tudo estivesse bem.
Queria ficar noiva hoje
e ir sozinha com meu noivo
assistir Os Cangaceiros no cinema.
Queria que nossa fé fosse como está escrito:
AQUELE QUE CRÊ VIVERÁ PARA SEMPRE.
Isto é tão espantoso
que me retiro para meditar.
Espero que ao leres esta
estejas gozando saúde,
felicidade e paz junto aos teus.*

du recueil *O coração disparado*, 1977

Régional

La cloche de chez nous
sonne encore tous les premiers vendredis,
par dévotion au cœur de Jésus.
En quelle autre partie du monde cela arrive-t-il?
En quel autre Brésil écrit-on des lettres comme ça:
le saint père Pie XII a choisi de mourir juste aujourd'hui,
dernier jour du dépouillement.
Nous avons rangé les pétards.
Par respect pour sa sainteté nous ne les avons pas tirés.
Nous ne nous en portons pas plus mal,
pas besoin de ramer ni quitter le bateau.
Cette semaine, c'était la fête de Saint François,
j'ai fait ce chant par imitation:
loué sois-tu, mon Seigneur,
au nom de la fleur de marie-noire
dont le parfum et la douceur
affolent abeilles et fourmis,
dont la forme humblyssime m'attire,
excite en moi la pensée
que point n'est besoin d'être jeune ou belle
pour attirer les hommes et ce qui en eux
darde comme chez les bourdons.
Mon estomac a des haut-le-cœur.
Il y a des circonvolutions intestines dans le pays.
Je voudrais que tout aille bien.
Je voudrais me fiancer aujourd'hui
et aller seule avec mon fiancé
voir *Les Cangaceiros* au cinéma.
Je voudrais que notre foi soit comme il est écrit:
CELUI QUI CROIT, À JAMAIS VIVRA.
Cela est si stupéfiant
que je me retire le méditer.
J'espère que cette lettre
te trouvera en bonne santé, jouissant
de la félicité et de la paix auprès des tiens.

Canícula

*Ao meio-dia, deságua o amor,
os sonhos mais frescos e intrigantes;
estou onde estão as torrentes.
Ao redor da casa grande espaça um quintal sem cercas,
tomado de bananeiras, só bananeiras,
altas como coqueiros.
Chego e é na beira do mar encrespado de correntezas,
sorvedouros azuis.
Há um perigo sobre a faixa exígua
que é de areia e é branca.
Quero braceletes
e a companhia do macho que escolhi.*

du recueil *O coração disparado*, 1977

Canicule

En plein midi jaillit l'amour,
les rêves les plus frais et les plus intrigants;
je suis où sont les torrents.
Autour de la vaste maison s'étend un jardin sans clôtures,
envahi par les bananiers, rien que des bananiers,
hauts comme des cocotiers.
J'arrive et juste au bord de la mer crêpée de courants,
de tourbillons bleus.
Il y a danger sur la bande étroite
qui est de sable, et blanche.
Je veux des bracelets
et la compagnie du mâle que j'ai choisi.

A maçã no escuro

*Era um cômodo grande, talvez um armazém antigo,
empilhado até o meio de seu comprimento e altura
com sacas de cereais.*

*Eu estava lá dentro, era escuro,
estando as portas fechadas
como uma ilha de sombra em meio do dia aberto.
De uma telha quebrada, ou de exígua janela,
vinha a notícia da luz.*

*Eu balançava as pernas,
em cima da pilha sentada,
vivendo um cheiro como um rato o vive
no momento em que estaca.*

*O grão dentro das sacas,
as sacas dentro do cômodo,
o cômodo dentro do dia
dentro de mim sobre as pilhas
dentro da boca fechando-se de fera felicidade.*

*Meu sexo, de modo doce,
turgindo-se em sapiência,
pleno de si, mas com fome,
em forte poder contendo-se,
iluminando sem chama a minha bacia andrógina.*

*Eu era muito pequena,
uma menina-crisálida.*

*Até hoje sei quem me pensa
com pensamento de homem:
a parte que em mim não pensa e vai da cintura aos pés
reage em vagas excêntricas,
vagas de doce quentura
de um vulcão que fosse ameno,
me põe inocente e ofertada,
madura pra olfato e dentes,
em carne de amor, a fruta.¹*

du recueil *O coração disparado*, 1977

1. Le titre du poème reprend celui d'un roman de Clarice Lispector (*Le Bâtitteur de ruines*, traduction de Violante do Canto, Gallimard, 1970).

La pomme dans le noir

C'était une grande pièce, un ancien entrepôt peut-être,
où s'entassaient à mi-longueur, à mi-hauteur
des sacs de céréales.

J'étais à l'intérieur, il faisait noir,
portes fermées
comme une île d'ombre dans le midi du jour ouvert.
D'une tuile fendue, ou d'une étroite fenêtre,
parvenait la nouvelle de la lumière.

Je balançais mes jambes,
juchée sur la pile de sacs
et je vivais une odeur comme un rat
quand soudain il se fige.
Le grain dans les sacs,
les sacs dans la pièce,
la pièce dans le jour
en moi sur les piles
en ma bouche qui se fermait de féroce félicité.

Mon sexe, avec douceur,
turgescant de sagesse,
plein de lui-même, mais affamé,
puissamment se contenait,
illuminant sans flamme mes hanches androgynes.

J'étais toute petite,
fillette-chrysalide.

Aujourd'hui encore j'en sais qui me pensent
avec des pensées d'homme:
la part qui en moi ne pense pas et va de ma taille aux pieds
réagit par vagues excentriques,
des vagues de douce chaleur
d'un volcan qui serait délectable,
elle me fait innocente et offerte,
mûre pour l'odorat et les dents,
chair d'amour, le fruit.

O amor no éter

*Há dentro de mim uma paisagem
entre meio-dia e duas horas da tarde.
Aves pernaltas, os bicos mergulhados na água,
entram e não neste lugar de memória,
uma lagoa rasa com caniços na margem.
Habito nele, quando os desejos do corpo,
a metafísica, exclamam:
como és bonito!
Quero escavar-te até encontrar
onde segregas tanto sentimento.
Pensas em mim, teu meio-riso secreto
atravessa mar e montanha,
me sobressalta em arrepios,
o amor sobre o natural.
O corpo é leve como a alma,
os minerais voam como borboletas.
Tudo deste lugar
entre meio-dia e duas horas da tarde.*

du recueil *Terra de Santa Cruz*, 1981

L'amour dans l'azur

Il y a en moi un paysage
entre midi et deux heures de l'après-midi.
Des échassiers, le bec plongé dans l'eau,
Entrent à demi dans ce lieu de mémoire,
une lagune peu profonde bordée de roseaux.
J'y habite, quand les désirs du corps,
la métaphysique, s'exclament:
que tu es beau!
Je veux fouiller en toi jusqu'à trouver
où tu secrètes tant de sentiment.
Tu penses à moi, ton léger rire secret
traverse mer et montagne,
me saisit de frissons,
l'amour sur naturel.
Le corps ne pèse pas plus que l'âme,
les minéraux volent comme papillons.
Tout en ce lieu,
entre midi et deux heures de l'après-midi.

O Pelicano

*Um dia vi um navio de perto.
Por muito tempo olhei-o
com a mesma gula sem pressa com que olho Jonathan:
primeiro as unhas, os dedos, seus nós.
Eu amava o navio.
Oh! eu dizia. Ah, que coisa é um navio!
Ele balançava de leve
como os sedutores meneiam.
À volta de mim busquei pessoas:
olha, olha o navio
e dispus-me a falar do que não sabia
para que enfim tocasse
no onde o que não tem pés
caminha sobre a massa das águas.
Uma noite dessas, antes de me deitar
vi — como vi o navio — um sentimento.
Travada de interjeições, mutismos,
vocativos supremos balbuciei :
Ó Tu! e Ó Vós!
— a garganta doendo por chorar.
Me ocorreu que na escuridão da noite
eu estava poetizada, um desejo supremo me queria.
Ó Misericórdia, eu disse
e pus minha boca no jorro daquele peito.
Ó amor, e me deixei afagar,
a visão esmaecendo-se,
lúcida, ilógica,
verdadeira como um navio.*

du recueil *O Pelicano*, 1987

Le Pélican

Un jour je vis un navire de près.
Longtemps je le regardai
de cette même avidité sans hâte avec laquelle je regarde Jonathan:
d'abord les ongles, les doigts, ses nœuds.
J'aimais le navire.
Oh! disais-je. Ah, quelle merveille un navire!
Il se balançait légèrement
comme dodelinent les séducteurs.
Autour de moi je cherchai des gens:
regarde, regarde le navire
et je me disposai à parler de ce que je ne connaissais pas
pour enfin atteindre
en ce lieu où ce qui est sans pieds
marche sur la masse des eaux.
Une nuit, avant de me coucher
je vis — comme je vis le navire — un sentiment.
Embarrassée d'interjections, de mutismes,
de vocatifs suprêmes je balbutiai:
Ô Toi! et Ô Vous!
— la gorge douloureuse prête à pleurer.
Je compris que dans l'obscurité de la nuit
j'étais poétisée, un désir suprême me voulait.
Ô Miséricorde, dis-je
et je mis ma bouche sur les flots de cette poitrine.
Ô amour, et je me laissai caresser,
la vision s'estompant,
lucide, illogique,
vraie comme un navire.

O nascimento do poema

*O que existe são coisas,
não palavras. Por isso
te ouvirei sem cansaço recitar em búlgaro
como olharei montanhas durante horas,
ou nuvens.
Sinais valem palavras,
palavras valem coisas,
coisas não valem nada.
Entender é um rapto,
é o mesmo que desentender.
Minha mãe morrendo,
não faltou a meu choro este arco-íris:
o luto irá bem com meus cabelos claros.
Granito, lápide, crepe,
são belas coisas ou palavras belas?
Mármore, sol, lixívia.
Entender me seqüestra de palavra e de coisa,
arremessa-me ao coração da poesia.
Por isso escrevo os poemas
pra velar o que ameaça minha fraqueza mortal.
Recuso-me a acreditar que homens inventam as línguas,
é o Espírito quem me impele,
quer ser adorado
e sopra no meu ouvido este hino litúrgico:
baldes, vassouras, dívidas e medo,
desejo de ver Jonathan e ser condenada ao inferno.
Não construí as pirâmides. Sou Deus.*

du recueil *O Pelicano*, 1987

La naissance du poème

Ce qui existe, ce sont les choses,
pas les mots. Aussi
t'écouterai-je sans fatigue déclamer en bulgare
comme je regarderai les montagnes des heures durant,
ou les nuages.
Les signes valent pour des mots,
les mots valent pour des choses,
les choses ne valent pour rien.
Comprendre est un rapt,
pareil à se méprendre.
Quand ma mère mourait,
il ne manqua pas à mes pleurs cet arc-en-ciel:
le deuil ira bien avec mes cheveux clairs.
Granit, dalle, crêpe,
sont-ce de belles choses ou de beaux mots?
Marbre, soleil, lessive.
Comprendre m'enlève des mots et des choses,
ça me jette au cœur de la poésie.
C'est pourquoi j'écris les poèmes
pour voiler ce qui menace ma faiblesse mortelle.
Je me refuse à croire que des hommes inventent les langues,
c'est l'Esprit qui me pousse,
il veut être adoré
et souffle à mon oreille cet hymne liturgique:
seaux, balais, dettes et peur,
le désir de voir Jonathan et d'être condamnée à l'enfer.
Je n'ai pas construit les pyramides. Je suis Dieu.

A santa ceia

*Começou dizendo: 'o amor...'
mas não pode concluir
pois alguém lhe chamava.
'O amor...' como se me tocasse,
falava só para mim,
ainda que outras pessoas estivessem à mesa.
'O amor...' e arrastou sua cadeira
pra mais perto.
Não levantava os olhos, temerosa
da explicitude do meu coração.
A sala aquecia-se
do meu respirar de crepitação e luzes.
'O amor...'
Ficou só esta palavra do inconcluído discurso,
alimento da fome que desejo perpétua.
Jonathan é minha comida.*

du recueil *A faca no peito*, 1988

La Cène

Il commença par dire: «l'amour...»
mais il ne put conclure
car quelqu'un l'appelait.
«L'amour...» comme s'il me touchait,
il ne parlait que pour moi,
bien qu'il y eût à table d'autres convives.
«L'amour...» et il tira sa chaise
plus près de moi.
Je ne relevais pas les yeux, redoutant
que s'explicite mon cœur.
La salle se réchauffait
de mon souffle de crépitation et de lumières.
«L'amour...»
C'est le seul mot qui soit resté du discours inachevé,
aliment d'une faim que je désire perpétuelle.
Jonathan est ma nourriture.

traductions de Michel Riaudel
et Rita Olivieri-Godet